

PALAVRA QUE UNE

SÉRIE QUARESMA/PÁSCOIA 2025 | 16 de março 2025

JEJUM, ORAÇÃO E CARIDADE

Cón. Emanuel Matos Silva

Na espontaneidade das nossas reacções e linguagens, projectos pessoais e caminhos comunitários, com frequência sublinhamos o carácter penitencial da Quaresma imediata e quase exclusivamente. É importante, contudo, integrarmos que, tanto quanto penitencial, a Quaresma é um tempo baptismal. E é enquanto tempo e percurso baptismal que a Quaresma se torna simultaneamente tempo penitencial (cf. SC 109-110). É o tempo dos catecúmenos e dos baptizados; um tempo de encontro mais intenso com a Palavra de Deus e de mais profunda oração; um tempo de conversão pessoal e comunitária eclesial. Os catecúmenos preparam o baptismo na Páscoa; os já baptizados recuperam a vitalidade e o dinamismo pascal do seu baptismo. Penitência é mergulharmos e voltarmos a mergulhar nas águas do baptismo. Há luz na penitência.

É, portanto, a partir do Mistério pascal que se entende e vive a vida cristã. E é a partir do mesmo Mistério pascal que se entende e vive a Quaresma como tempo que abre e prepara a Igreja para a Páscoa de Cristo e para a sua celebração no tempo (Cf. SC 5).

Iniciámos a Quaresma, em Quarta feira de Cinzas, com fortíssimos convites da Liturgia e, particularmente da Palavra de Deus: “Regressai a Deus de todo o vosso coração” dizia Joel na Primeira Leitura; “Deixai-vos reconciliar com Deus” acrescentava Paulo na segunda Leitura; “Tende cuidado de não praticar a vossa justiça diante dos homens, para serdes vistos por eles; de outra forma não tereis recompensa junto de vosso Pai, que está nos céus” precisava o Evangelista Mateus. Ora a Liturgia reza sempre para que os cristãos vivam no seu dia a dia aquilo por que optaram na sua fé (Cf. SC 10).

É porque há luz baptismal na penitência quaresmal que a conversão não é apenas um esforço de auto-aperfeiçoamento da própria imagem, mas é o processo da reconciliação com Deus e com os outros. Significa que, de verdade, no âmago da Quaresma não está uma iniciativa nossa, está sim o desejo indestrutível de Deus nos reencontrar.

“Regressai a Deus de todo o vosso coração” convidava Joel. A nossa

versatilidade, as nossas ocupações quotidianas e distrações podem ter feito com que nos afastássemos d’Ele. Onde foi que nos desviámos do seu caminho? Onde foi que ficámos presos ou divergimos dos seus caminhos? É precisamente daí que é preciso regressar (Cf. SC 2) para que a fé as suas obras não sejam praticadas apenas para serem vista por outros (Cf Mt Mt 6, 1 ss).

O regresso a Deus e, por Ele, à Comunidade tem caminhos, atitudes identificadas, processos de coração e de relação definidos como os que tornam possível recentrar a vida em Deus.

A sabedoria e a pedagogia espirituais da Igreja, experiente de séculos, elegeram três grandes dinamismos e práticas para experimentarmos a liberdade que o Espírito imprime na vida de cada baptizado, para valorizarmos a Palavra de Deus e o diálogo com Ele, para redescobrimos a alegria de nos doarmos aos outros e deles nos recebermos: o Jejum, a Oração, a Caridade.

A Quaresma é o “sacramento da mudança” que nos conduz do que somos até ao que Deus quer que sejamos. Quarenta dias que fazem a passagem a uma vida diferente. Passo a passo. É essa, aliás, a fonte da sua simbologia: quarenta dias do dilúvio do qual brota como que uma nova humanidade, quarenta dias e quarenta noites de Moisés no Sinai dos quais brota uma relação nova de fidelidade e Aliança, quarenta dias de caminhada de Elias para o Horeb, expressão de um povo chamado a viver da Sabedoria de Deus, quarenta anos do Povo no deserto como caminho para a Terra Prometida, tempo de purificação para aprender a comprometer a liberdade e o amor, quarenta dias de pregação de Jonas em Nínive, expressão de que Deus não desiste do seu Povo, quarenta dias de despojamento de Jesus no deserto que o conduzirão à realização plena da vontade salvífica do Pai.

Os sinais e dinamismos do Jejum, da Oração e da Caridade (a que tradicionalmente tanto se chamou esmola) integram este processo de mudança porque, precisamente, nos interrogam sobre qual é o nosso pão

quotidiano (de que nos alimentamos?), qual é o fundamento da nossa existência (que relações estabelecemos?) e qual é a expressão viva da nossa fé (o que fazemos?). É claro que este “Jejum, Oração e Caridade” não se resumem a “mínimos legais”. No seu verdadeiro sentido nem sequer serão “obrigações”. São instrumento e expressão do caminho de regresso e para o reencontro.

Ao conjugar o Jejum podemos perguntar se a abundância de muita coisa com que lidamos, e de que nos alimentamos, não nos tira a sensibilidade e o sabor das coisas na sua essência. Querer o “muito” em vez do “bom” ou do “justo” pode ser um engano. E isso tem a ver com a vida toda, com as opções, com o que nos permitimos e com o que nos proibimos a nós próprios. Sabemos que somos livres, mas também nos experimentamos muitas vezes como “autênticos prisioneiros” de sistemas de reacção, de pruridos relacionais, de palavras ditas, de atitudes irreflectidas que, continuadas, acabam por se afirmar, muitas vezes, como personalidade.

Jejuar é, pois, sentir a fome como esse estado em que nos apercebemos que dependemos de tantas e tantas coisas. É, por isso, enquanto atitude pessoal e dinamismo, uma experiência de liberdade perante tanta coisa desnecessária. A fome do Jejum (ou da abstinência) é esse limite que impede que me confunda com o que faço, com o que como, com o que tenho.

A Oração é o nosso diálogo com Deus. Diálogo de amizade mas também, tantas vezes, de interrogação e inquietação, de dúvida e de “noite escura”. A Oração é o exercício de quem se experimenta a confiar em Deus e luta para confiar ainda mais, aliás, para tudo o que faz na vida possa partir dessa confiança.

A oração é a actualização permanente da fé. Sem ela a fé vai esmorecendo e pode mesmo tornar-se irrelevante na vida de qualquer um. Ora, os objectivos da nossa vida não conseguem realizar-se se não interpretados no horizonte da fé. Então há que despertar para o gosto da oração pessoal e para a experiência do silêncio como meio e instrumento do encontro com Deus. Quem tem fé nunca está só. Podíamos acrescentar até que, quem tem fé, está na melhor companhia

e na companhia d'Aquele que é capaz de dar sentido e liberdade a todas as relações e compromissos.

As relações com base na confiança são frágeis e, ao mesmo tempo, poderosíssimas. As maiores e mais belas realizações da nossa vida têm como base a "confiança". Confiar em Deus, na sua promessa, na sua proximidade, na sua Palavra. Deus é grande de mais para fazer das nossas fragilidades a nossa vocação. Por isso propõe a mudança e, por isso também, o encontro favorável da oração é o tempo do diálogo e da Graça, do discernimento e da eleição, da escolha e do fortalecimento.

E a Caridade?! A Caridade é a Graça, significa que é de Graça. Deus ... é de Graça ... e de liberdade. O esforço de partilhar pode viver-se nos bens que se têm, mas talvez muito mais nos sorrisos, na capacidade de escuta e de acolhimento, no bom e recto uso das palavras, nas visitas que fazemos e na atenção que damos aos outros. A Caridade faz com que a Quaresma seja o tempo favorável para permitirmos que Deus alcance a nossa fraqueza.

Se o Jejum nos encerrasse em nós mesmos, se a oração se traduzisse apenas em "troca formal de favores por senhas" e pedido "institucional" de provas da existência de Deus, se a partilha servisse apenas como descarga de consciência ("os meus pobres" – algo dito sempre com arrepiante sentido de propriedade), a Quaresma não terá nenhuma finalidade senão a da auto-contemplação. E quem passa a vida a auto-contemplar-se não conseguirá nunca contemplar os outros: não é capaz de gestos de fé, de gestos de confiança, não é capaz de gestos de fraternidade, não é capaz de gestos de ternura, não é capaz de gestos proféticos de compromisso e ousadia cristã.

O que a Quaresma pretende, então, é uma redescoberta da fé, é o reatar da relação com Jesus Cristo. É um momento privilegiado da procura de sentido para as coisas de todos os dias: "Tende cuidado de não praticar a vossa justiça diante dos homens, para serdes vistos por eles; de outra forma não tereis recompensa junto de vosso Pai, que está nos céus" (Mt 6, 1 ss).

Enquanto "tempo dos Catecúmenos e tempo dos baptizados" a Quaresma exige-nos, interiorização, imaginação e fidelidade criativas: repensar a fé e a expressão religiosa em relação com a vida quotidiana. Jejum, Oração e Caridade são caminhos de crescimento, de experiência da vida nova que vem por Cristo. Jesus é o verdadeiro Pão da vida. Jejuar é sentir a fome como esse estado em que nos apercebemos que dependemos de tantas e tantas coisas. E algumas não são necessárias. A fome do jejum (ou da abstinência) pode ser vivida como esse limite para lá do qual me sinto novamente vivo. Por isso o jejum quaresmal não se resume a uma mudança de regime alimentar, uma espécie de dieta. Ele não é luta contra o corpo, mas sim pelo corpo e para o corpo porque pela vida e para a qualidade da vida quotidiana.

E a Caridade?! A Caridade é partilha e também não pode ser apenas uma espécie de gesto afectivo mais ou menos sacralizado. O esforço de partilhar pode viver-se em tanta coisa e de tanta maneira!

E, na base, sempre a Oração como diálogo de amizade com Deus. Oração como quem se experimenta a confiar e percebe que se está a dar não a partir de si mesmo, mas sim a partir de Deus.

Existem três grandes desafios que asseguram a unidade do tempo da Quaresma e definem o horizonte da caminhada eclesial e pessoal: 1. O Mistério da morte e ressurreição de Jesus; 2. As implicações deste Mistério para quem se prepara para o baptismo; 3. A renovação na caminhada da fé e da conversão para os que já são baptizados.

Toda a Quaresma tem, portanto, uma dinâmica baptismal. E é por se ter desenvolvido em torno dessa dimensão baptismal que o tempo da Quaresma também é tempo penitencial. Este é o tempo próprio para, conhecendo melhor o Espírito de Jesus, "baptizarmos" a nossa inteligência. Este é o tempo para, aprendendo a querer o que Deus quer, "baptizarmos" a nossa vontade. Este é o tempo para, afeiçoando-nos mais a Cristo e ao seu caminho, "baptizarmos" o nosso afecto e o nosso amor. Jejum, Oração e Caridade.

NUMA PALAVRA...

Antonino Dias, Bispo Diocesano

Neste Domingo, sobressai a fé. Abraão é modelo do crente, confia totalmente em Deus, aceita os seus planos, sabe que é fidelíssimo às suas promessas, gratuitas e irrevogáveis.

Jesus entende que chegou a hora de revelar aos seus discípulos o sentido do caminho que irá seguir e que já lho tinha anunciado. Subindo ao monte para rezar, convida-os a subir com Ele. Revela-lhes a sua missão. Pede-lhes que confiem n'Ele e o sigam, apesar de ser através de sofrimento e da morte. O próprio Deus é quem apresenta Jesus, o seu Filho, aos discípulos. Este testemunho de Deus sobre Jesus completa-se com uma ordem: "escutai-o". "Este é o meu Filho, o meu Eleito. Escutai-o". Os discípulos devem escutar e acolher as indicações de Jesus, sem hesitações e medos, com confiança e fé.

Neste cenário, com vários elementos das teofanias do Antigo Testamento, paira a luz gloriosa da ressurreição. Os discípulos são convidados a olhar para além da cruz, onde não está o fracasso, mas a ressurreição, a vida plena, a vitória sobre a morte.

Paulo pede aos cristãos de Filipos que vivam sempre de olhos postos no Senhor. Recorda-lhes porquê, agradece-lhes a preocupação pela sua pessoa, exorta-os a manterem-se fiéis a Cristo e aos seus valores, convida-os a terem os mesmos sentimentos que ele tem, os de continuarem a correr em direcção a Cristo, a meta.



475 ANOS
BISPADO
PORTALEGRE